

# Antonio Cicero – Teofania

Sabe-se que um deus só vem porque quer  
e que é capaz de desaparecer  
a seu bel-prazer, por mero capricho.

Nisso ele se assemelha mais a um bicho

selvagem, feito serpente ou veado,  
do que a gente. Uns são intempestivos.

É no momento menos indicado  
que nos capturam e mantêm cativos.

Assim é o Amor, por exemplo. Não  
há quem não reconheça a divindade  
de tal deus. Não: os próprios cristãos dão  
a mão à palmatória e têm saudade

do realismo do mundo pagão  
quando o vêem chegar como quem não quer  
nada e ofuscar tudo. Outros são  
diferentes. Todos vêm por prazer,

isso é claro mas, por exemplo, o Sono  
não deixa de abraçar-nos todo dia  
enquanto somos jovens: dir-se-ia  
ser nosso escravo e não suave dono.

Mas isso não se deve nem pensar  
pois se ele ouvir o nosso pensamento  
e resolver provar-nos a contento  
ser mesmo deus, desaparecerá,

pois que ele é deus mostra-o nem tanto o fato  
de que vem sem ser chamado e escraviza,  
em teatros, aulas, ônibus, vigílias,  
o desejo que almeja dominá-lo

quanto a própria insônia, teofania

negativa do Sono, quando somem  
as doces nuvens e as torres macias  
do príncipe dos deuses e dos homens

e não se abrem as águas da lagoa  
ou os portões de chifre ou de marfim  
e nossa imaginação se esboroa  
em prosa e a noite cansa até o fim.

Não se iludam. Nem o mais poderoso  
dos soporíferos substituiria  
ver abolirem-se as categorias  
pela espontânea ação de um deus gasoso.

Tais deuses só na velhice sabemos  
o que são. O jovem nem desconfia  
ser divino o próprio Tesão ou mesmo,  
tremo só de lembrar, a Poesia.

**Antonio Cicero, Guardar**